

O ESPETÁCULO: PARTE FINAL*

Edenis César de OLIVEIRA**

Linha de Pesquisa: Dinâmica e Gestão Ambiental

Nível: Mestrado

1. Introdução

Antes mesmo de iniciar um esforço no sentido de elaborar um texto argumentativo que justifique a proposta do título supracitado, sentiremo-nos mais a vontade começando por apresentar a interpretação ou as interpretações que fazemos a respeito da ilustração proposta: um globo terrestre diametralmente dividido, apresentado em formato de um objeto, mais especificamente um cinzeiro, onde, sobre uma de suas partes, repousa um outro objeto – uma chaminé emitindo fumaça, demonstrando a função precípua a que se propõe aquele objeto.

Impossível negar que, neste momento, somos invadidos por um forte anseio, no sentido de utilizar este espaço para alguns desabafos. Desabafos estes, que, indubitavelmente, demonstrariam uma insatisfação, permitindo transparecer nossa indignação com a atual conjuntura.

Remetendo-nos ao enunciado da questão proposta, procuraremos pautar nossa argumentação com a melhor apresentação possível.

De posse de certo sentimento de alívio, sentimo-nos aptos ao desafio, apoiando-nos na afirmativa do professor Carlos Walter Porto Gonçalves de que “qualquer texto, por pior que seja, submetido à crítica, é melhor do que o melhor texto guardado na gaveta” (GONÇALVES, 1984, p. 103).

Vivemos o mundo dos objetos, estamos rodeados por eles. A diferença é que antes tínhamos certo domínio sobre eles, colocando-os ao nosso dispor. Hoje, parece ser eles que nos influenciam contundentemente, impondo as regras (BAUDRILLARD, 1970, p. 18 *apud* SANTOS, 2006, p. 213). Acabamos de constatar a veracidade e atualidade de tal afirmação.

A dinâmica atual propõe mudanças profundas e significativas. Mudanças que causam impactos na estrutura social, política e econômica de um povo, de uma nação. A configuração que nos apresenta o mundo de hoje, permite evidenciar a já conhecida e temida posição hegemônica atribuída a alguns países (SANTOS, 2005). Não obstante, tal fato pode ser corroborado a partir das muitas manchetes apresentadas pela mídia cotidianamente.

O que isso significa? O que há de bom e/ou de ruim?

2. A dinâmica do espetáculo

A intenção aqui, não é a de apresentar fatos pontuais que proponham respostas elaboradas revestidas de convicção e despidas de erros. Porém, faz-se oportuno discutirmos tal configuração a partir de uma realidade na qual estamos submetidos. Afinal, “não há evento sem ator; não há evento sem sujeito”, lembra-nos C. Diano (1994, p. 66) *apud* Santos (2006, p. 146).

Como sujeito, talvez não sejamos, pois, atores, mas expectadores que assistem passivamente o espetáculo sem se dar conta do que, de fato, está ocorrendo.

O cenário, com suas luzes coloridas, acompanhadas de efeitos especiais e música envolvente, apresenta-se como primeiro plano à nossa vista. A isso atribuímos maior valor. Para esta obra de engenharia com criatividade, dedicamos nossos aplausos.

A verdadeira história, porém, acontece nos bastidores. O verdadeiro enredo está no contexto do espetáculo, que ocorre simultaneamente enquanto assistimos atônitos o show de luzes. Esta é uma questão que clama por mudanças. Mudanças na forma de ver o espetáculo, tirando os olhos da artificialidade das

* Texto elaborado na prova de seleção para o curso de Pós-Graduação, Mestrado em Geografia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente-SP em julho de 2006.

** Aluno do Programa de Pós-Graduação em Geografia, nível mestrado, da FCT/Unesp, campus de Presidente Prudente-SP. E-mail: edenis@netonne.com.br

luzes, procurando, a partir de um esforço individual e coletivo, assistir e interpretar os fatos e ocorrências da verdadeira história: a história desmascarada.

Esta mudança na forma de interpretar os fatos, proporcionará nossa possível saída da condição de sujeitos passivos para a condição de sujeitos ativos da história.

O lado perverso da globalização (SANTOS, 2005; CHESNAIS, 1996) que pouco se comenta, precisa ser desnudado e colocado em pauta. A mundialização – expressada como algo mais abrangente que a globalização (SANTOS, 2005), como processo de concentração estratégica num centro de poder, sugere uma periferia que envolve esse centro (SINGER, 1998) e, como tal, toda periferia sofre com a escassez de condições para sair de um estado de precariedade e ausência quase total de recursos. Há uma tendência natural, de que os pobres se tornem ainda mais pobres e dependentes, ao passo que, os ricos, mais ricos, opulentos e dominantes.

3. A inversão do papel do Estado

Na América do Sul, mais especificamente no caso do Brasil, observamos contradições que merecem destaque. As recentes privatizações (ou doações, nas palavras do Prof. Aziz Ab' Saber) são fatos marcantes. Entregamos o patrimônio público, de valor inestimável, a um preço subfaturado. Para os chamados neoliberais, porém, esse foi o melhor preço que já se encontrou no mercado, confirmado pela mídia quando noticiava o valor em percentual do ágio sobre a transação. Para esses – os neoliberais –, abriu-se mão de algo que onerava o Estado, para investir na função estratégica do Estado: a assistência ao povo.

O que ocorreu, evidentemente, não foi isso. Os fatos comprovam. O quanto o dinheiro, supostamente investido melhorou a vida do povo brasileiro? Que redução substancial houve no índice de analfabetismo? E a saúde? Só para ficar entre os exemplos mais expressivos. Tudo isso nos faz lembrar das palavras de César Benjamim (Revista Caros Amigos, n. 111, ano X, jun. 2006) ao afirmar que “eles não gostam do Brasil, eles gostam de *business*”.

Fala-se do fim do Estado-Nação (OHMAE, 1999). Na verdade, o que ocorre é que o Estado já não atua mais em benefício do povo e, quando o faz, apresenta-se com características assistencialistas e postura paternalista. O Estado está mais atuante do que nunca, voltado, sobretudo, para a facilitação do fluxo do capital internacional que, vertiginosamente, perambula, sem respeitar nenhuma fronteira, procurando os melhores mercados (SANTOS, 2005).

Vale como exemplo, o caso de Carajás (empresa do setor primário – minério de ferro) que forneceu toda matéria-prima utilizada na construção do Canal da Mancha, enquanto aqui, alega-se falta de recursos para concluir uma importante obra no estado de São Paulo: o rodoanel (comentário feito pelo Prof. Aziz Ab'Saber no programa de televisão Brasil Nação, transmitido pela TV Educativa, em 25 de junho de 2006).

Entretanto, o que conta hoje é a informação. O verdadeiro poder está na capacidade de articular essa informação. A simultaneidade e convergência dos momentos, impulsionados pelo motor denominado lucro (ou mais-valia), impõem-se como características absolutas desse espetáculo (SANTOS, 2006).

4. O espetáculo e a questão ambiental

Uma questão que extrapola o limite da individualidade dos interesses é a questão ambiental. Já não estamos falando mais de interesses particulares desta ou daquela nação. Referimo-nos a uma questão de interesse global: a questão ambiental.

A preocupação que se apresenta cada vez mais acentuadamente é o quanto tal questão está sendo levada em consideração. Uma questão que perpassa o limite de pensarmos a natureza isoladamente, para uma relação direta com o aspecto social (PASSOS, 1998).

Recentemente uma revista de circulação nacional publicou matéria de capa contendo informações sobre as conseqüências do aquecimento global no descongelamento das calotas polares e também, na desertificação acentuada de algumas áreas do planeta, além de outros problemas de não menos importância e gravidade (VEJA, 21 jun. 2006).

Hoje, aproximadamente 250 milhões de pessoas em 26 países sofrem com a escassez de água – recurso essencial à vida. Segundo estimativas, em 2025 será algo em torno de três bilhões de pessoas em 52 países, sofrendo com esta situação. Tudo isso agravado pela poluição descontrolada dos recursos hídricos já existentes. A questão aqui, portanto, diz respeito não só à quantidade disponível como à qualidade desse recurso (THAME, 2001).

5. Considerações finais

Resta saber como tais informações estão sendo recebidas pelos atores do espetáculo. Qual a disposição para discutir uma questão de interesse geral, com resultados de longo prazo, contrário ao imediatismo do capital - o curtíssimo prazo.

Não é possível discutir uma questão dessa envergadura de forma fragmentada e superficial. É preciso pensar na totalidade. Caso contrário seria o mesmo que procurar no infinito o lugar finito (GIORDANO BRUNO, 1973 *apud* DOUGLAS SANTOS, 2002, p. 87). É impossível.

O fim inquestionavelmente trágico desse espetáculo pode ser alterado, no mínimo, minimizado seus efeitos. Para tanto, será preciso nos despojar daquilo que Milton Santos (SANTOS, 2005) considerou como resultado de todo esse processo, ou seja, o individualismo, o egoísmo, o cinismo. Nós diríamos: alguns “ismos” mais que possam porventura haver, e que, possivelmente, contribuirão negativamente com o resultado do espetáculo.

6. Referências bibliográficas

- BAUDRILLARD, J. **La société de consommation**. Paris, Denoël, 1970.
- BENJAMIM, César. **Revista Caros Amigos**. n. 111, ano X, jun. 2006.
- CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.
- DIANO, C. **Forme et événement, principes pour une interpretation du monde grec**. Paris, L’Eclat, 1994.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Paixão da terra: ensaios críticos de Ecologia e Geografia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- OHMAE, Kenichi. **O fim do Estado-nação**. Rio de Janeiro: Campus; São Paulo: Publifolha, 1999.
- PASSOS, Messias M. dos. **Biogeografia e paisagem**. Presidente Prudente: Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/Unesp, 1998.
- SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço**. São Paulo: Unesp, 2002.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2006.
- SINGER, Paul. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. São Paulo: Contexto, 1998.
- THAME, Antônio Carlos de Mendes (org.). **A cobrança pelo uso da água**. São Paulo: IQUAL – Instituto de Qualificação e Editoração Ltda, 2000.
- REVISTA VEJA. 21 jun. 2006.